

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA



MEMORIAS

HUMORISTICO

Directora Honoraria de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANNA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO



A DIVISÃO DAS TERRAS

(Filosofia de um guardador de cabras)



OCTAVIO SÉRGIO

— Ora vocemecê verá, meu Pai, que a nós calha-nos por i o cemitério...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Continuação da distribuição de prémios do JOGO DO QUINO

No nosso número passado demos a distribuição aos concorrentes com mais de 12 pontos (exclusiv). Damos hoje a relação dos restantes concorrentes com direito aos outros prémios.

Entre os concorrentes com 12 pontos (3), com 11 pontos (13) e com 10 pontos (24) serão distribuídos os seguintes prémios:

100 escudos em dinheiro, o que vem a dar a cada um, uma moeda de 2\$50 (a **MARIA RITA dá o que falta**). E entre eles serão sorteados pela forma abaixo, os seguintes objectos:

- 1.º 1 Brinde da casa Izaura Pinheiro.
- 2.º 1 caixa de Pôrto Velho «Aidinha».
- 3.º 1 lote de 25 latas de conserva especial Continental.
- 4.º 1 frasco de água de Colónia Perfumista.
- 5.º 1 colecção de chocolates «Celeste».
- 6.º 3 pares de ligas para senhora.
- 7.º
- 8.º 1 Elegantíssimo suporte para retratos.
- 9.º
- 10.º 2 colecções de postais de cinema.

Como sempre, nesta distribuição quem manda é a loteria de hoje.

Cipriano J. Aranha	1 a	200
Fernando António.	201 a	400
Castro Silva	401 a	600
J. M. Jardim Aranha	601 a	800
Manuel Correia	801 a	1000
Octávia Maria	1001 a	1200
Pimpão Altamira	1201 a	1400
X Altamira	1401 a	1600
Zé. A.	1601 a	1800
1.000	1801 a	2000
Zé Zabumba	2001 a	2200
Alvaro Menezes 3.º	2201 a	2400
Angelo de Menezes	2401 a	2600
Olegna	2601 a	2800
António Vicente Rocha	2801 a	3000
Rei do Azar	3001 a	3200
Manuel Portas Bertolo	3201 a	3400
Medeiros Martelo	3401 a	3600
Joaquim Gerales	3601 a	3800
Fernando A. R. Silva	3801 a	4000
Eurico Malafaia	4001 a	4200
Alberto Ribeiro	4201 a	4400
Alberto Pinto 5.º	4401 a	4600
Alvaro Menezes 5.º	4601 a	4800
Laura Morais Sarmento	4801 a	5000
Rodrigo Alves Pereira Jor.	5001 a	5200
Alvacarso	5201 a	5400
José Rosas da Costa	5401 a	5600
Mário Recarei.	5601 a	5800
Rosa Andrade	5801 a	6000
Ricardo A. Franco	6001 a	6200
R. S. T. V.	6201 a	6400
Alberto Pinto 4.º	6501 a	6600
David Costa 2.º	6601 a	6800
Carlos Pereira Ramos	6801 a	7000
Nobias Trocas	7001 a	7200
Daniel da C. Martins	7201 a	7400
Um algarvio	7401 a	7600
Secoalho 1.º	7601 a	7800
Secoalho 2.º	7801 a	8000
Domingos F. da Silva.	8001 a	8200
F. Leal Junior.	8201 a	8400
João Fino	8401 a	8600
José Alves Leal	8601 a	8800
Luis Pinto da Silva	8801 a	9000
Maria Guilhermina.	9001 a	9200
António R. Martins	9201 a	9400
Julia M. M. de Lima	9401 a	9600
José Alf. M. da Silva.	9601 a	9800
José Teixeira Carvalho	9801 a	10000

E os prémios, como são em número de 10 tocará um a cada milhar, sendo o primeiro distribuído ao número correspondente ao da sorte grande, o segundo ao milhar imediatamente superior e assim sucessivamente até dar a volta completa.

Quartos prémios — São 125 os concorrentes com direito a eles, e toca a cada um **1 livro no valor de 10\$00** a escolher. Além disso, como sobram **cinco prémios**, serão sorteados entre estes concorrentes pela forma seguinte:

Abel Cunha	1 a	80
Arnaldo L. Ramos	81 a	169
Dario Barreto Oliveira	161 a	240
Eduardo Coelho Silva	241 a	320
Fernando Silva	321 a	400
Faz tudo Não Faz Nada	401 a	480
Joaquim Ferreira Júnior	481 a	560
Joaquim Augusto Vieira	561 a	640
José Freitas	641 a	720
Manuel Cerqueira.	721 a	800
Nicolau Leandro	801 a	880
Vitor José	881 a	960
Amarantino	961 a	1040
Arsénio Antunes	1041 a	1120
António C. Miranda	1121 a	1200
Abílio M. Rodrigues	1201 a	1280
Armando S. Carvalho	1281 a	1360
Cezar José Poça	1361 a	1440
David Costa 1.º	1441 a	1520
José dos Santos Campinas	1521 a	1600
Luis Cerqueira	1601 a	1680
Monteiro II	1681 a	1760
Dirk-Trak	1761 a	1840
Sempre Pronto	1841 a	1920
Alvaro Menezes 2.º	1921 a	2000
Alvaro Menezes 4.º	2001 a	2080
João Sousa Costa	2081 a	2160
José Correia Vidinha.	2161 a	2240
Miguel Novais.	2241 a	2320
António Alvaro	2321 a	2400
Marmota	2401 a	2480
Zé dos Nabos.	2481 a	2560
João Alves da Silva	2561 a	2640
Zé Barão	2641 a	2720
Manuel S. P. da Silva	2721 a	2800
Dolrano	2801 a	2880
Maria A. Santos	2881 a	2960
Fernando H. da Silva	2961 a	3040
José Oliveira Marques	3041 a	3120
José Sousa Cruz	3121 a	3200
Joaquim Leite.	3201 a	3280
Lino Fernandes	3281 a	3360
Tenho Pouca Sorte	3361 a	3440
Jorge C. Alegria	3441 a	3520
José Gil	3521 a	3600
Olivia Monteiro	3601 a	3680
Maria Raquel Milhano	3681 a	3760
Dulcinea	3761 a	3840
António Gomes Ferreira.	3841 a	3920
Bento Pereira	3921 a	4000
Alberto Pinto 1.º	4001 a	4080
João Tino.	4081 a	4160
F. Leal Júnior II	4161 a	4240
Faco	4241 a	4320
João Belezza	4321 a	4400
António Reis	4401 a	4480
João Minho	4481 a	4560
José S. Lopes.	4561 a	4640
Sara Milhano	4641 a	4720
Alvaro Menezes 1.º	4721 a	4800
Joaquim R. Ventura	4801 a	4880
Chico dos Figos	4881 a	4960

José A. M. de Lima	4961 a	5040
João Belezza II	5041 a	5120
Sepol	5121 a	5200
Trincaespínhas	5201 a	5280
Zé dos anzóis	5281 a	5360
Arnaldo Pereira	5361 a	5440
António Pereira	5441 a	5520
António Caménio	5521 a	5600
Alexandrino Machado	5601 a	5680
Clarinda M. da Silva	5681 a	5760
Herói sem fama	5761 a	5840
Manuel Cerqueira I	5841 a	5920
Serafim P. da Silva	5921 a	6000
Sávies 3.º	6001 a	6080
Belarmino Costa Silva	6081 a	6160
Juca	6161 a	6240
Camilo	6241 a	6320
Clotilde Matos Cordeiro	6321 a	6400
Aug. Auto Flores	6401 a	6480
António Aug.	6481 a	6560
António Soares Sousa	6561 a	6640
Alberto Pinto 2.º	6641 a	6720
F. do A. R. Silva	6721 a	6800
Felicidades Beires.	6801 a	6880
Pirólito.	6881 a	6960
Sepol	6961 a	7040
Moisés Pimenta Costa	7041 a	7120
Joaquim Jorge M. de Lima	7121 a	7200
Alvaro Moreira	7201 a	7280
Gubípilo	7281 a	7360
Amaral.	7361 a	7440
Marco Alonso.	7441 a	7520
Mariquinhas	7521 a	7600
Um admirador.	7601 a	7680
Eduardo Serrano	7681 a	7760
João Maria Pinhão	7761 a	7840
António Amaral	7841 a	7920
Pirólito.	7921 a	8000
Domingos Ferreira Silva.	8001 a	8080
Fantasma Negro	8081 a	8160
Carlos A. Rodrigues	8161 a	8240
Lúciano Rocha.	8241 a	8320
Alberto Pinto 6.º	8321 a	8400
Alberto Pinto 3.º	8401 a	8480
Joaquim Queiroz	8481 a	8560
Vitor Rodrigues	8561 a	8640
Américo Silva	8641 a	8720
Kinkinho	8721 a	8800
O Homem que não ri.	8801 a	8880
Mannel Figueiredo	8881 a	8960
Hernani J. Baptista	8961 a	9040
Satanaz.	9041 a	9120
Joaquina F. Pires	9121 a	9200
M. Augusta	9201 a	9280
Eduardo L. Dias	9281 a	9360
Rei Vagabundo	9361 a	9440
Fernando Coelho Silva	9441 a	9520
Delfim Freitas.	9521 a	9600
José Pereira Vieira	9601 a	9680
Horácio Ferreira	9681 a	9760
Fernando A. R. Silva.	9761 a	9840
Francisco Oldemiro Carneiro	9841 a	9920
Mario da C. Pires.	9921 a	10000

Estes prémios serão igualmente sorteados pela loteria de hoje e segundo o mesmo plano. Substituir-se-á apenas a palavra milhar, pelas palavras: **Dois milhares**. Desta forma se o milhar em que sair a sorte grande for par, serão premiados todos os milhares pares. Do mesmo modo se for ímpar.

E agora, vamos a preparar-nos para o

Grande jogo do PIM-PAM-PUM



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Veio à supuração no *Século* um caso que melhor seria — para bem de todos, e até para tranqüilidade do público — ter ficado secreto. Com a sua pena afiada — mais afiada e mais cortante do que os bisturis que por duas vezes lhe abriram o estômago — ergue-se na primeira página de aquele jornal, como acusador inexorável e vítima que não pôde calar-se por mais tempo, o sr. Pereira da Rosa, desenrolando um formidável libelo contra alguns clínicos e cirurgiões lisboenses, aliás dos mais cotados. Faz estarrecer o que ele nos conta. Provoca arrepios o que se lê nas entrelinhas daquelas quasi duas páginas de tipo miúdo e compacto. E provoca delírios de pavor a conclusão a que o sr. Pereira da Rosa chega: em Portugal mata-se legalmente, impunemente, e há médicos capazes de deixar morrer um enfermo, para que se não possam constatar os erros por eles praticados.

É pavoroso, quasi trágico, e não existe caneta de humorista, por mais caldeada nas calamidades e protérvias de todos os dias, que consiga espremer do assunto um leve sumo de graça. Quando muito, o que ele pode fazer, torcendo fortemente as pontas do paradoxo, é aconselhar os seus leitores a que, quando se virem doentes e necessitados de médico, — chamem um ou dois curandeiros.

Esses, ao menos, quando fazem o mal, praticam-no inconscientemente.

Que teimosia!

(Na passagem do aniversário de um amigo)

... E você na costureira,
ou antes co'a teimosia
de fazer a mesma asneira...
E sempre no mesmo dia!

O' que soberba mania
— a que traz na miolera!
E simplesmente por via
dessa vulgar brincadeira!

A gente, a aniversariar,
passa o tempo a abreviar
a nossa cara existência...

Amigo: — digo-lhe a sós... —
Passar os anos por nós
é uma inconveniência!

João do MINHO.

Verdade seja que também a época não vai, para estes, em maré de rosas (sem calemburgo). Em Lisboa por exemplo, foi presa tôda uma quadrilha: três ou quatro intrujões que possuíam um consultório onde recebiam os clientes, que faziam visitas domiciliárias, que davam injeções por uma pá velha, e se assemelhavam tanto aos médicos *de verdade* que até deixavam morrer os doentes, quando os não matavam. Só numa coisa diferiam: em não passarem as respectivas certidões de óbito. Neste ponto, eram de um escrúpulo de puritanos. Indivíduo que lhes morresse nas mãos, só conseguia o passaporte para o outro mundo mediante a assinatura de um médico diplomado. E havia, de facto, um clínico que se prestava a isso: a declarar que tinha sido ele o médico assistente, a exarar um diagnóstico que não fizera e a firmar um documento falso, que aliás lhe era pago em notas do Banco legítimas. Fazia mais ainda, este cavalheiro: uma que outra vez, realizava conferências com os curandeiros do bando, junto dos doentes. Claro que achava sempre bem o diagnóstico e o tratamento estabelecido pelo *colega*, para que tornassem a chamá-lo. E nas horas vagas, quando não tinha conferências nem certidões de óbito, entretinha-se a formular receitas de cocaína e morfina, que os alcaloidomaniacos lhe pagavam a peso de ouro. Chegava a ter avençados. Tal amador de estupefacientes pagava trezentos escudos mensais para ter sempre à mão o papelinho que lhe abria, na farmácia, os pouco acessíveis frascos do mesmo. Outro, por mais rico ou mais perdulário, pagava seiscentos. Uma mina! Procedia assim quem tinha um curso onde se professa uma cadeira de Deontologia.

Pede o sr. Pereira da Rosa, para evitar estes e quejandos casos, a criação de uma Ordem dos Médicos, similar da Ordem dos Advogados. Mas seria isso remédio suficiente? Suponho que não. O grande mal está na abundância de profissionais. Quem tem na gaveta uma carta de Doutor, e passa privações, tanto mais que não pode decentemente pôr-se a engraxar botas num portal ou a vender yó-yós pelas ruas, envereda com pouco esforço para transigências aviltantes ou facilidades delituosas, se não tem a amparar-lhe o ânimo deprimido uma grande reserva de energia moral.

Se houvesse menos médicos — só os bastantes para as necessidades do país, e sobretudo das grandes cidades — já estes não tergiversariam para se não verem deprimidos perante um rival mais sabedor ou mais feliz, já aquele se não conluiria com charlatães nem exploraria a desgraça dos miseráveis empolgados pelo vício, — e todos se comportariam num nível profissional muito superior ao que estamos presenciando.

O grande remédio, eficaz e seguro, é só um: fechar, por um período relativamente largo, as Faculdades de Medicina. E depois — porque não? voltar aos tempos do Protomedicato. Faziam-se muito boas curas nesse tempo, — e a classe era muito mais respeitada.

Mas, revertendo ao caso Pereira da Rosa: uma das conclusões a tirar da sua longa exposição é que o ilustre jornalista, duas vezes operado, ficou com outras tantas botoeiras no estômago: uma anterior, e outra posterior. E agora, é natural que hesite, por não saber em qual de elas há de meter o seu apelido. Se fôssemos nós, resolveríamos equitativamente o dilema: a anterior para as segundas, quartas e sextas, e a posterior para as terças, quintas e sábados.

Marcial JORDÃO.

A' última hora

O Repórter Zero da MARIA RITA, enviado especialmente a Lisboa a-fim-de tratar de apurar, além do dinheiro necessário para a viagem, as diversas complicações das enormíssimas trapalhadas dos complicados casos ex-medicinais e hoje policiais, acaba de nos telefonar o seguinte:

LISBOA, 9 — Aí vai o que de verdadeiro soube sobre o extraordinário Jôgo do Rosa (Pereira de). Grande confusão operatória. Paciente reviveu quinta facada. Médicos em foco inocentes. Verdadeiros operadores médicos falsos que estão presos. Felizmente tudo primitivo lugar menos estômago do «Século». Parabens.

Repórter ZERO.

Balancete da semana

Lerroux, no Parlamento, em têrmos vivos,
lamentou que o govêrno
tenha gestos de amante e um ôlho terno
para os republicanos adesivos,
desprezando, com medos categóricos
e patente aspereza,
os sabidos históricos,
que vinham já dos tempos da Realeza.
Entre estes, cita o sábio Marañon,
que em tempos da ominosa monarquia
acompanhava as damas do bom-tom
e o alto rei Afonso de Bourbon
nas suas excursões à Andaluzia.
Lá como cá... Recordam-se? Também
houve um médico aqui, em Portugal,
na plácida Lisboa,
que chamava à rainha sua mãe,
que era da Casa Real
e adorava a Côroa.
Veio o Cinco de Outubro — e ei-lo mudado:
A mesma bôca, humilima e fiel,
que beijocava a mão de D. Manuel,
como servo e vassalo dedicado,
passou a lambuzar, cheia de amor,
os dedos do doutor
Bernardino Machado.
Depois, a de Sidónio.
Depois ainda — é incrível — sei lá quantas!
.....
Marañon é levado do demónio,
mas não lhe fica atrás o Júlio Dantas.

*

O que vai pelo Douro,
só porque o titular da Agritura,
—sem ideia nenhuma de desdouro—
criou a marca «Vinho Extremadura»!
Erguem punhos irados
os grandes e pequenos vinhateiros,
que se vêem de novo ameaçados
nos seus int'resses e prejudicados
pelos homens do sul que, tendo vides,
são muito mais videiros.
E assim se passa o tempo nestas lides
que dão muito trabalho
e fazem andar tudo em roda viva,
custando muitos quilos de saliva
ao Antão de Carvalho...
Mas o Sul não se aflige,
e reponta dizendo que os do Douro
são um rebanho humilde, cujo côro
êste doutor dirige.
Afinal, pode ser. Coisas já velhas
que nós sabemos já todos de cor:
os durienses foram sempr ovelhas,
e Antão era pastor...

Pousa aqui... pousa ali...

Os "SS" e os "CC" As Cintras e as Ceias

Noticiam os jornais que os muçulmanos se desavieram e desataram à tapona uns aos outros.

Antigamente, quando não existiam os *muçulmanos* e só havia *mussulmanos*, com dois "ss", todos se davam bem e, se queriam armar zaragata, quem pagava as favas eram os judeus, que os maometanos nunca poderam tragar.

Esta troca baldroca dos "cc" e dos "ss" que a nossa ortografia adoptou, tem dado origem aos mais complicados e tenebrosos acontecimentos.

Por exemplo escrevendo Sintra com "s", não lhes dá a impressão que falta qualquer coisa à aprazível e turística localidade?

A gente lê *Cintra* e aparece-lhe logo o castelo da Pena, a sala das pegas, etc., etc. Mas tira-lhe o "c" e põe-lhe nm "s" e fica uma *Sintra* que nem queijadas tem!

E' o caso de *Ceia* e de *Seia*. Todos sabem que *Ceia* teve a honra de ser o berço natal do nosso querido primo Dr. Afonso Costa. Pois bem. Implantar-se a república, vem a reforma ortográfica e o nosso eminente homem vê a sua adorada terra transformada em *Seia*, com um atrevido "s" a substituir o "c"!

Ora, isto são coisas que se não fazem.

Nós achamos que já é tempo de restituirmos a *Ceia* ao doutor, especialmente agora que êle já não janta...

Cá temos outra encrenca! A categoria dos pecegos

E com referência aos pecegos? Que nos dizem os senhores aos pêssegos com dois "ss"?

A nós quer-nos parecer que tudo se pode remediar, dividindo a categoria dos pecegos em três categorias: pêssegos, com dois "ss", pecegos com "c" cedilhado e pecegos sem cedilha.

E, assim, teríamos:

1.^a Categoria — *Pêssegos* — São os de aparta caroço, saborosos, vermelhos e aveludados.

2.^a Categoria — *Pecegos* — Redondinhos e lisos, os chamados pecegos carecas.

3.^a Categoria — *Pecegos* — Os tais que não tem cedilhas — coitadinhos! — e pertencem ao género anfíbio, uma mistura de Carlinhos com cinéfilos... Estes pecegos teem a polpa à Ramon e o caroço à Greta.

...E, por hoje, basta de pecegada!

Quem não puder comprar a **MARIA RITA**, peça-a emprestada. Desta :: forma, terá graça de graça ::

HÁ OU NÃO HÁ?

Sua Ex.^a a Senhora Dona Crise

Uns dizem que sim. Outros dizem que não. Também há quem diga nem sim nem não, mas antes pelo contrário.

Ora nós dizemos... nós não dizemos nada, o que não quer dizer que nós não podéssemos dizer muita coisa se nos não dissessem para nós não dizermos nada.

Mas com seiscientos mil diabos!— Há crise ou não crise?

Façamos um inquérito!
Ouçamos os interessados!

Fale o Povo, o Clero, a Burguesia e mais pessoal de ambos os sexos.

Tem a palavra, meus senhores!

— Há crise de tudo, menos duma coisa: da crise!

Um paradoxal.

— Já tenho fatos para virar e calças para deitar fundilhos, sinal evidente de crise.

Um alfaiate.

— Ai, credo! Não sei onde os homens se metem que não aparece nenhum. Sempre está uma crise...

Carlinhos da Sé.

— Onde pára a força e a virilidade? A gente procura a energia dos homens e vai encontrá-la na carteira.

Uma horizontal.

— A crise é uma invenção do Cosmos para arreliar as donas de casa.

Leonardo Coimbra.

— A crise é uma invenção nossa para não pagarmos as letras e continuarmos a ter automóvel.

Um industrial.

— Alguém duvida de que haja crise? Ela é tão grande que eu até já não janto!

Afonso Costa.

— O' senhores, tenham juízo! Que vem a ser isso de crise quando um desafio rende 80 contos?!

Um futebolista.

— Na minha Academia não tenho sentido a crise. Há académicos para todos os paladares.

Júlio Dantas.

— Só existe uma crise: a crise da abundância. Há árvores que dão figos de ouro.

Beatriz Costa.

— Nós é que sentimos a crise! A moda dos descarapuçados tirou-nos o pão.

Um chapeleiro.

— Para que queremos nós chapéu, se não temos cabeça nem miolos?!

Um papo-sêco.

— A crise é tanta que ainda não ganhei para um casaco de peles.

Menina da Avenida.

— Nós cá não sentimos falta de nada! Somos abonados em tudo, graças a Deus!

Meninos de purp... urina.

— Onde estão os rapazes de hoje? Que crise, que grande crise de machos.

Uma menina com olheiras.

— Estamos no cinema, minha senhora. E não se torne a meter comigo, senão faço queixa à mamã.

Um cinéfilo.

— Não se faz negócio nenhum. Brincos não se vendem. Colares e anéis muito menos. Só um "pendentif" de longe a longe e um broche de vez em quando...

Um joalheiro.

— A crise é tanta e tão violenta que só posso sustentar três amantes e quatro automóveis.

Um moageiro.



MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

PERFIS DO PORTO

XXXVI

DR. EMÍLIO MARTINS



*Conservador do Registo Civil na disponibilidade, Cônsul honorário da Corunha, ex-director de A Tribuna, numa palavra: ex tudo!
Só não é ex-amigo, porque antes pelo contrário.*

Beatriz Costa

Estes tempos tem feito muita gente triste, muita alma compungida, muito coração alanceado... E nem admira! As grandes nações vivem horas de angústia.

Todos os países sofrem do desemprego, da falta de negócios da crise que a todos fere e mata.

Era preciso que, em todas as terras, aparecesse quem distraísse os habitantes, os galvanizasse, os despertasse... Esse remédio, de ministrar graça e espírito, distraimento e mocidade, só se alcança no Teatro Sá da Bandeira tornado *farmácia* onde se vão buscar os elixires que fazem sorrir, aplaudindo ao mesmo tempo a Fada magana que desperta, numa transmissão feliz dos seus ademanes de cómica, seus dizeres de intencional alacridade e suas canções brejeiras. Beatriz Costa, ali no palco da revista, enche-o. E ela é bem pequena, maneirinha de talhe; mas azougada de chiste, vivinha de humor, esperta de comunicativa encantamento e sedução...

Linda voz de carícia, tão à vontade nos seus múltiplos personagens, que dir-se-á os encarna por intuição e os representa, com tal conhecimento e vibração, que os sente em si mesma, com intuito evidente de nos fazer rir! Talismã é a sua aparição na ribalta, para todos aqueles que demandam a sala, no desejo de sincero alívio a fim de se esquecerem dos males do mundo, das falhas de negócios ou das faltas determinadas pelo revolver do mundo nas suas convulsões depois da guerra; Beatriz Costa, no seio da Companhia onde triunfa, é como que um atractivo flagrante de mocidade, grácil no seu cabelinho típico cortado à frente, dando aquele penteado sua personalidade inconfundível. Podia ser pai dela e talvez por isso o apregoar na MARIA RITA sua figura mexida, iconoclasta, movimentada e tão expontânea, como

que remoei ao vê-la, ao ouvi-la nas suas coplas; ao aplaudi-la por seu formoso talento de artista do seu género brejeiro.

Pelo palco português a grande Adelina deu-nos figuras inolvidadas de preciso detalhe no género. Angela Pinto também nos fez admirá-la e entusiasmar. A Júlia Mendes foi um *tipo* de artista com destaque vivo. Beatriz Costa tem uma tal soma de atractivos, para o seu teatro, que difícil será alcançar quem a substitua. Li-lhes as *Memórias* que findaram no *Cinéfilo* de Lisboa quando ela entrou (com o pé direito) na Cidade Invicta para o triunfo da sua *msão*, que é dar motivo a que todo o Pôrto, durante umas horas, se alheie da sua pacatez habitual e vá receber aquela *Injecção* de foliante distração que se patenteia e se desenrola multimoda e extranhamente aliciadora: que é Estrela do Cinema a se salientar depois de sair notavelmente dentre as figurantes do teatro! E foi lá nas terras brasileiras onde se destacou como *vedeta*. De forma que, no firmamento do teatro português e do cinema nacional, Beatriz Costa ficou consagrada como um dos expoentes! Porque sua fama? Por sua graça. Porque seu relêvo cénico? Por sua arte sincera. Porque seu valor interpretativo? Por seu sincero actuar no palco onde anda à vontade.

Beatriz Costa, no meio da sua Companhia, refugue como poucas pessoas meus olhos semi-centenários viram! E' que sem dúvida há mais e mais artistas meritórias. A *especialidade* de Beatriz Costa, na sua popular dição e representação entusiasma quem vai ao seu teatro distrair-se, o que é necessário nestes tempos de calamidade social em que é preciso espalhar o tédio.

Não lhe venho levantar uma estátua na MARIA RITA! Unicamente apontar-te leitor o seu *sistema* curativo para a tua neura!

Põe-te a caminho para o Sá da Bandeira. Aplaudirás a Beatriz, e, assim passarás, uma noite agradável; terapêutica mental de novo género que te aconselho aqui.

Dr. RACLIMA.

Décimas... dentro do praso

A Festa da Cavalaria

P'ra admirar os lanceiros,
Fui, no domingo passado,
Ver — o que fiz com agrado —
A Festa dos Cavaleiros.
El's eram alguns milheiros,
A's tradições bem fiéis,
Que, sem grandes aranzéis,
Mostraram o seus valor,
Conduzindo com rigor
Os seus fogosos corcéis.

Foi festa de três estalos,
Que também meteu corneta...
E eu afirmo — aqui, à preta:
— Nunca vi tantos cavalos!
De-certo, não tinham calos,
Porque, tendo, as ferraduras
Lhes causariam torturas
Horrríveis. — Depois pensei:
— Cá fora já encontrei
Muitas mais cavalgaduras!

BISNAU.

Amor desinteressado



Ele — *Se soubesses como sou feliz com o teu amor desinteressado!*

Ela — *Tem graça. Estava agora a pensar no «Rolls Royce» 1933 que me prometeste...*

Mais três... de fora

(ADAPTAÇÕES)

Madame é nova. Tão nova que casou aos 18 anos, tem uma garôta de 7 e ainda não ultrapassou os 22.

Madame pertence ao «grand-monde». Frequenta os bailes elegantes. Vai aos chás da Garret. Fuma. E tem uma côrte de admiradores como poucas. *Madame* pinta e rasga os olhos. Carmina as faces. Põe *rouge* e *baton*. *Madame* é, enfim, uma mulher moderna. Detesta os preconceitos.

O Marido é industrial. Entrega-se de alma e corpo ao negócio. O marido poder-se-ia representar por cifras. *Madame* é livre, a-pesar-de casada. Adora a filha, uma garôta viva, inteligente.

Madame, contudo, sai sempre só.

*

Um dia, *Madame* não saiu. Ficou em casa, uma casinha elegante de fim de Avenida moderna.

Madame dedicou êsse dia à garôta e a garôta alegre, viva, inteligente, encheu de alegria a alma de *Madame*.

Até que... até que a garôta com a maior ingenuidade perguntou sorrindo a *Madame*:

— Mamã, porque não deixas ver o teu rosto sem pintura?

— Para quê? repetiu sorrindo, *Madame*.

— Como não me pareço com o papá, gostaria de ver se me pareço contigo!

♦♦♦

O rei da Inglaterra jogava com o rei da Itália. Acabado o jogo, os dois soberanos evocam tristemente a valsa dos tronos que se estava dansando na Europa.

— Má época, diz o rei da Itália.

— E' verdade, responde o soberano inglês. Em breve, não haverá na Europa mais do que cinco reis...

— O rei da Itália, o rei...

— Não: o rei de copas, o rei de oiros, o rei de paus, o rei de espadas e... o rei de Inglaterra!

♦♦♦

O meu amigo Xavier é um bom ponto e um terrível D. Juan. A sua melhor qualidade é falar francês como um verdadeiro parisiense. De vez em quando o Xavier tem ótimas saídas.

Aqui há tempos vieram aí uns americanos e entre os quais vinha uma americana nova e bonita.

Amigo Xavier farejando conquista, disse-lhe meia dúzia de frases galantes em francês. Foi a-pesar-de tudo, desatrado como um colegial.

A americana furiosa, gritou-lhe com o seu acento anglo-saxão:

— Malotrou!

— Malotrou? — Ah! então não indisto, mais, *mademoiselle*...

MIL REIS.

DESCANSO SEMANAL

O Verso do "Damião" ou o "poeta Espinho" em Cacia

Sume-te, Junqueiro!... Camões! por favor, fecha
o outro ôlho, que novo valor mais alto se levanta

Meus senhores! Nunca é tarde para a gente se penitenciar! Errar é próprio dos homens, e nós erramos. Reconhecemos agora o nosso erro, e é por isso que, sinceramente, nos penitenciamos. Julgamos, de princípio, que o bilioso Pérola Verde, era um dos muitos valores nulos que enxameavam o *Ecos do Cacia*. Chegamos até a crêr que a sua alma fôsse daquelas que não conseguisse assento à mão direita de Deus Padre. Enganamo-nos. *Mea culpa!... Mea máxima culpa!...*

Pérola Verde é uma alma de eleição, perfeítinha e casta, capaz, capacíssima, de conseguir assento aonde queira. Comprova-o exuberantemente o verso abaixo demonstrado.

Começamos por um acróstico dedicado à sua terra natal, Espinho, celebríssima praia onde o César Raio viu a luz do dia.

Acrostico

(À minha terra

Ergue-se linda, vaidosa
Senhoril e magestosa,
Perto das ondas do mar.
Invóco seu nome santo,
Na idéiz de qu' o meu pranto
Ha-de de pronto secar. —
Oh! minha terra... meu lar...

C. da Beira, Janeiro de 1933

Pérola Verde.

Isto é lindo! E perfeito! Tão lindo, que a gente, sem querer, vê o mar a servir de papel de chupar, ao pranto do Pérola Verde, que se carpe, sem razão para isso. A não ser que vá para a beira-mar lembrar-se da ostra sua mãe.

Agora umas quadrazinhas soltas — talvez por descuido da policia — que demonstram claramente como êle é forte na redondilha.

Quadras soltas

(Ao vento)

Não sei se é bom sorrir,
Se será melhor chorar;
Apenas sei que a dormir
Muito podemos sonhar.

Quem ama, quer desistir,
Quem não ama, quer amar;
Quem desce, pensa em subir,
Quem sobe, quer recluir.

*Não é fácil deduzir
O partir e o chegar;
Quem chega, pensa em partir,
Quem parte, conta em voltar.*

Janeiro 33

Pérola Verde.

Vejam, por favor, esta segunda quadra! Que elevação de conceito! Que formidável concepção do novo! Que elevadíssimos pensamentos em 28 sílabas! «*Quem ama quer desistir*!» Isto é sublime! Isto é único!...

De onde se prova que êle não ama as *letras pátrias*...

E cá temos agora um soneto com todos os 14 versos obrigatórios. E' dum ar soturno e espezinhador, mas é assim mesmo.

Presagio

*Mal desponta sobre o monte a luz d'aurora,
Vai o mendigo, pelos caminhos fora...
Nem a neve, nem a chuva, nem o vento,
Nem mesmo a fome, o levam ao desalento...*

*Mas s'encontra quem aos seus lamentos chora,
Tambem acha quem lhe diga: — «Vá-se embora!
P'ra trabalhar, não lhe dá o seu intento?!
Pois vá roubar; eu malandros não sustento».*

*Que fazer pois!?! Se o trabalho não lh'o dão,
E se lhes negam um bocadinho de pão
Com que podesse seus filhos sustentar?*

*Não tem recursos a que possa lançar mão;
Alucinado, perde o uso da razão:
Despreza a honra bruscamente e vai roubar...*

Pérola Verde.

Este é que é! Este, além dos seus erros de português, tem ainda a valorizá-lo a extraordinária leveza da forma. Está forçado, torcido, enovelado, coxo? Mas que importa se tem grandiosidade e dôr e apertos de natureza!... Bravo, sr. Pérola Verde! Damos o dito por não dito. Você é realmente o homem que convinha ao Damião! Se trabalha de graça, então é completo! Ajuda-o a levar a farinha ao seu moínho e enche-lhe o jornal quási de fiô a pavio. Também, a verdade é esta: Você com uma veia dessas, tão inchada como uma sangue-suga depois de satisfeita, não tinha outro remédio senão encontrar sítio onde desabafar. Apareceu-lhe o *Ecos do Damião*, vai daí você espectorou sobre êle as sobras da sua imaginação.

O que podia, logo de princípio, era ter começado por mostrar o verso à gente, para que se não desse o lamentável equívoco de julgarmos que você era dos dêles. Venha de lá essa mão honrada. Não queremos que você faça o que diz o final do seu piramidal soneto:

Despreza a honra bruscamente e vai roubar!...

Nossa Senhora da Ajuda o acompanhe eternamente.

E para que não terminemos sem uma gargalhada, aí vão outros versinhos para amenisar. São do *Ecos* também.

Agrestes

*«Meninas da outra banda,
com que lavais o cabelo?
co'umas ervinhas do monte
que se chamam tremontelo.»*

*Nos lábios do meu amor,
a cantiga, às vezes, anda
dumas meninas formosas.
»Meninas da outra banda.»*

*De tão lindas que elas eram,
(que até invojava vê-lo)
lhe preguntavam as mais,
«com que lavas o cabelo?»*

*E as lindas que às vezes vinham
ter com as feias na fonte,
respondiam mui vaidosas;
«Co'umas ervinhas do monte.»*

*Abençoadas ervinhas,
cujo perfume absorvê-lo
é um gosto p'ra quem ama,
«que se chamam tremontelo.»*

Valentim da Costa.

E você, Pérola Verde, ainda tem o descoco de vir à estacada defender um jornal que publica tantas baboseiras, quantas as que lhe queiram mandar.

J. d'A.





A crise -- Suas casas -- Seus efeitos

O Desemprego na classe Bancária — De onde se prova que o homem descende do macaco

MEUS SENHORES: isto assim não pode continuar. Desta forma, dentro em breve em vez das quarenta horas de trabalho não forçado, teremos de pedir 48 horas de descanso forçadíssimo. Não pode ser.

E a MARIA RITA, que é tão tripeira como o senhor Dom Pedro IV, grita por todos os pulmões, e não são poucos.

— Abaixo o trabalho macacal! Abaixo as patas!

Tôda esta nossa irritação se filia no facto de têmos achado no *Diário de Notícias* de sábado findo a seguinte notícia:

Os macacos empregados de Bancos

No Sião há muitos moedeiros falsos, quasi todos duma grande habilidade na imitação das moedas verdadeiras. São admiráveis artistas. E' tão perfeito esse dinheiro falso que os melhores peritos se enganam frequentemente. Mas os macacos é que se não enganam nunca. Por isso em cada banco há um macaco, encarregado de verificar a moeda metálica e que é muito apreciado nesta sua utilíssima função. Como a desempenha? Tôdas as manhãs é apresentada ao macaco uma porção das moedas. O símio pega nelas e ferra uma dentada em cada uma. As que ficam com a marca dos dentes do animal são falsas, porque os falsários não conseguiram ainda um metal ou uma liga que resista à dentada do quadrumano.

As moedas que não prestam ficam para o macaco, que se diverte a enterrá-las. E' a sua moeda. E, por isso, a qualquer moeda falsa se chama, correntemente, *moeda de macaco*.

De princípio julgamos que isto não passava duma macacada. Mas como,

alguém, muito viajado, nos asseverasse que era uma verdade, fomos procurar o respeitável cônsul desta terra onde se fabricam tão bem as coisas falsas, e dêle soubemos que a notícia era a expressão perfeita da verdade.

E' portanto legítimo o nosso desasocôgo! Que há de ser dessa gente, coitadinha, que está empregada em todos os organismos bancários, se os macacos os vêem substituir vantajosamente no serviço, e se se contentam com meia dúzia de bananas por dia?

E se é verdade que a gente descende do macaco, como é possível que o pai venha fazer arruinar um filho? Desnaturada verdade!

Admitámos ainda que o macaco substituisse a mulher; mas isso não é possível porque nem o macaco é capaz de aprender a escrever à máquina, nem as mulheres são encarregadas de saber se as moedas são falsas ou verdadeiras. Há meninas, que nos passam, às vezes, algumas, poucas, moedas falsas; mas a maior parte delas costumam atirar o dinheiro pela janela fora.

E foi para decifrar este *busilis* que a MARIA RITA, resolveu entrevistar os nomes mais considerados nos meios bancários portuenses. Propositadamente não vamos ao *Pomar*, nem a Leiria, nem a Coimbra e Irmão, nem ao Cupertino de Miranda. Não! Esses, que são os chefes, já estão a esfregar as mãos de contentes e a mandar plantar bananeiras no quintal para dar de comer aos futuros empregados.

Vamos, sim, ter com aqueles que vivem do seu ordenado, e já estão a suar a estas horas, só com a lembrança de que o macaco os virá fazer ficar

com a macaca. E nesta ordem de ideias, abeiramo-nos do

Edurisa

o célebre crítico do *Comércio do Porto*, que durante o dia faz contas no B. N. Ultramarino. Ele já sabia, porque um crítico tem obrigação de saber tudo. Estava cabisbaixo:

— E é isto, meus caros amigos. Já em tempos glandulizaram os macacos. E os homens ficaram enxertomacaquizados. Agora, resolveram empregá-los como pèritos amoedados. Mas isto não deve dar nada. A Confederação Geral do Trabalho, que já de há muito andava com vontade de mandar pentear macacos, resolveu agora, e muito bem, a meu ver, fazer uma representação ao Sr. Ministro das Colónias, no sentido de ser proibida a plantação de mais quadrumanos.

Ora, ainda havia de ter graça, cá o Banco, enchimpanzeso, ou engorilado... Utópicas coisas dos Sionezes, falsificadores por temperamento. Deixe futurizar esta calamitosa insinuação e verá como eu estou enverdadado.

Fala o Chaves do Sotto Mayor,

que fômos encontrar na *Flor de Lis* entretido a arrancar pêlos das sobrançelas e a soprar-lhes em seguida. Ele começou assim, ao saber ao que íamos:

— Macacos me mordam se acredito nisso. Isso é um palão do *Diário de Notícias*. Da séde do nosso Banco não mandaram dizer nada, e êles lá sabem tudo.

Quem está alarmado é o Guedes de Oliveira, e o nosso chefe de câmbios teve um *Bravo* de aprovação. Também o Graça afirma que esta coisa dos macacos não tem graça nenhuma. Ele, verdade, verdade; já há alguns macacos empregados nos Bancos, mas incoberatamente.

E fômos de ali ao Banco de Portugal procurar o

Augusto Guerra

— Não! Disse-nos êle, mal entramos! Essa notícia é mais falsa do que as moedas do Sião. Na minha secção «Estrangeiro» que eu faço no *Janeiro*, não foi recebido qualquer telegrama confirmativo. Isso devem ser intrigas do Joaquim Gonçalves ou do Lúcio.

Mentira sim! Onde é que as empresas bancárias vão encontrar tantos macacos disponíveis. E a crise? E o desemprego?

Mas sabe qual é a forma de arranjar dureza nos dentes para avaliar da falsidade das moedas? E' comer Bananas ou Banaoiro.

E se assim dêsse modo não der o resultado desejado, é arranjar um macaco de automóvel.

E por última fala o nosso colega José de Artimanha

Ouçamo-lo religiosamente!

Não duvidem, por favor. Aquela notícia do *Notícias* é um facto incontestável. E por falar em facto: eu já dei ordem para todos os empregados cá da casa andarem de *facto* de macaco.

O Lima deu sorte porque é costume dêle dar muita sorte por tudo. Já os outros receberam a ordem serenamente. Ai que saudades daqueles célebres tempos, em que havia notas até de meio tostão. Ao menos, naquela altura não era preciso ter dente para saber se o dinheiro era falso.

Bastava o olfacto para nos dizer se êle vinha da casa da moeda ou doutra casinha qualquer! Queridos tempos êsses, meu amigo! Mas você não se admire desta remodelação do sistema bancário! Há países onde é já um facto. No Brasil, por exemplo...



O nosso camarada Edurisa

CASA DAS GABARDINES

Rua Santa Catarina, 134 e 138

PORTO



Artigos impermeáveis para homem, senhora e criança.

A única, a verdadeira, a que mais barato vende. Não confundam.

CASA DAS CASIMIRAS

Avenida dos Aliados, 1 a 5—PORTO

(Edifício da Nacional)



Filial da CASA DAS GABARDINES

Confecção esmerada. Fatos, gabardines e sobretudos.

+ A Q U I J A Z

Continuação do concurso da MARIA RITA
50\$00
ao melhor epítáfio publicado

Aqui jaz, mestre João
 Pois coitado já morreu
 E morreu na ilusão
 De que quem morreu fui eu.

Remetente: Amarantino.

Aqui jaz Tomaz Faria,
 Dentista dos mais valentes.
 Morreu numa noite fria,
 Depois de estar todo o dia
 Com tremenda dor de dentes!...

Remetente: Adriano X. Nel.

Aqui jaz o Reverendo
 D. Ignácio Carvalhinho.
 Cavalheiro bem horrendo
 De pernas tronco e focinho!
 Era «maneta» dum ôlho,
 (Não daquele do ás de copas...)
 Tinha ficado zarolho
 Por piscá-lo... às cachopas!

Remetente: Dr. Castro.

Aqui jaz o funileiro
 Vasco Mendo da Gamela
 Que se finou em Janeiro
 Ao «pingar» uma panela

Remetente: Sô Darco.

Descansa aqui, bem o sei
 A tia Maria do O'
 Por muito ter trabalhado
 A dar sempre ao seu Yó-Yó.

Remetente: Ahcor.

Aqui Jaz, a Beatriz,
 Dama de grande conceito.
 De chupar no burrié,
 Morreu com queixa de peito.

Remetente: Rei do Orco.

Naquela imensa mansão
 'stá minha sogra, que era torta,
 Metida no caixão.
 Após três dias de morta,
 Agrediu o sacristão
 Mesmo à saída da porta.

Remetente: Neo-mania.

Jaz aqui o Zé Germano
 Um avarento caturra,
 Que trocou com um cigano
 A filha por uma burra.

Remetente: Reirobi.

Pasto de mil parasitas
 Teu cadáver aqui jaz;
 Eles são o que tu eras,
 Como êles tu serás.

Remetente: Elmano Otrebla.

Aqui jaz o Salvador
 Morreu de tamanha dor
 Que lhe deu no coração
 Pois não lhe valeu o apelido
 Que não o livrou do perigo
 Na rua de S. Julião.

Remetente: José R. Viana.

Aqui jaz Miguela Guerra
 O que ela fêz não se escreve...
 Seja-lhe a terra tão leve,
 Como ela o foi sôbre a terra.

Remetente: Lemos de Albergaria.

Aquela que aqui repousa
 Fiava estôpa co'a roca.
 Morreu a fiar p'ra o Sousa,
 Agarrada à maçoara.

Remetente: Ogelna.

Aqui jaz João António,
 Nunca chorado p'los seus.
 Vendeu a alma ao demónio,
 P'ra não ter de a dar a Deus.

Remetente: Reirobi.

Mihna sogra, anjo do mal
 Morreu, um dia, coitada;
 Por isso, agora, deitada,
 Jaz aqui neste coval.
 Foi numa noite invernal
 Que, já cansada, of'receu
 A alma negra de breu
 Ao diabo, seu amigo,
 Hoje, só, jaz neste abrigo
 A sogra que Deus me deu.

Remetente: Lérias.

Aqui jaz Manuel da Pinta,
 Por alcunha o *Pintaroxo*,
 Por ter a cara pintada,
 Pelos efeitos do *roxo*.

Remetente: Zé Barão.

(Continua).



NAS
Galerias Lafayette

— da RUA FORMOSA — PORTO —

todos os artigos
 teem um cunho
 parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

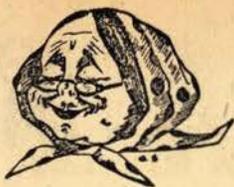
DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Não leves a mal. Tu és tripeira dos quatro costados, — se só quatro costados tem a tua corpulência. E o 31 de Janeiro é uma data também tripeira, como tu. Mas a verdade, a pura verdade, é que, só na horta dos alfacinhas, já ninguém liga meia ao 31 de Janeiro. Podem, uns quantos de jornalistas fogosos, aproveitar o ensejo para abrir certos estômagos, normalmente reprimidos. A multidão, a verdadeira multidão, não sabe, nem quer saber. Tanto se lhe dá. Cuido que esta indiferença total provém unicamente da data. Sim. Num país onde, de há um bom par de anos a esta parte, houve um trinta e um cada mês, ou cada semana, ou cada dia, — não pode haver comoção que vibre especialmente com o 31... de Janeiro.

Não é apenas na «carpintaria» das suas peças que o Dr. Ramada Curto dá que fazer ao seu bicho carpinteiro... E' também... em tudo o mais. Hoje proclama, na Boa-Hora, a inocência do cavalheiro que defende; amanhã prolifica, no mesmo edificio, o crime do cidadão que acusa. Entre duas audiências escreve um romance; depois de uma inquirição de testemunhas escreve uma peça; a seguir a uma vistoria revê as provas jurídicas do romance; enxerta no trabalho de cinco minutos os ensaios de apuro da peça referida; publica o romance no dia em que dá um parecer; e, quando tem só quatro clientes na sala de espera, aproveita para reunir no corredor o congresso do partido socialista. Não é um homem, — é uma bicha de rabiar.

Decididamente, as democracias estão à brocha. Na América, até já o Henry Ford fecha a porta, amuado com uma grevezinha que lhe deu no goto. Em França, os governos duram o tempo de um bocejo; o minuto de amor platónico em que vibra, no ar, uma declaração... ministerial. No momento em que te escrevo, lá anda um tal senhor Daladier, que eufonicamente sugere um triste badalar de finados, a enxotar ministros para o governo como um campino, de vara larga, que andasse numa charneca a arrebanhar lombos esquivos... E na Alemanha, (essa, é uma democracia muito patasca!) subiu ao poder o famoso Hitler, que ou dá o que promete — e é um Niagara pela barba dos «vencedores» de ontem — ou degenera em fitia, e atira a Alemanha para um cakewalk na corda bamba. Veremos. O quartel general dos nazis é a casa castanha. Realmente, a situação alemã cheira a castanha. A muita castanha, das quentes e boas...

Tem tido grande êxito, no Teatro Nacional, uma peça de Pereira Coelho, *O Diabo Azul*, que o Pôrto já aplaudiu. Mas eu não gosto muito do Diabo; acho que não é entidade com que se brinque; seja em casa, seja na rua; e pinte-se ele de

encarnado ou de azul... Se não vejam lá como já três dos interpretes da peça adoeeceram durante a sua representação, cortando uma carreira de êxito! Oxalá esta retome o seu fio, sem mais cortes. E' só questão de qualquer dos interpretes levar, pendurada ao pescoço, uma cruzinha de ouro...

Depois de acesas discussões na Imprensa, em volta da cedência do Teatro de S. Carlos, foi este cedido à Companhia de Ilda Stichini. Disse-te, numa carta, que achava muito justa a cedência; — ainda bem que não fui só eu a achá-la justa. Para a sua reaparição, Ilda Stichini escolheu uma velha peça, de um velho poeta encantador: — *A Madrugada*, de Fernando Caldeira.

Deve ser piada...

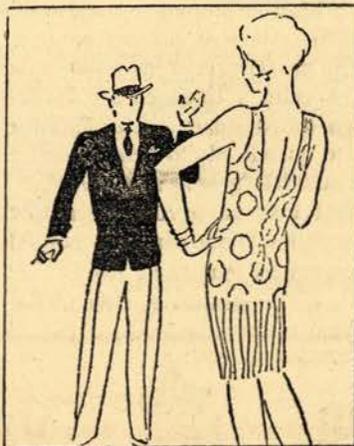
O caso da cedência de S. Carlos foi realmente uma caldeira em ebulição; — os músicos, alguns músicos, apitaram a todo o vapor. Mas *A Madrugada*... *A Madrugada* promete muito. Deve a illustre actriz querer dizer na sua: — «Sim *A Madrugada*... O sol quando nasce é para todos, mesmo para os músicos...»

E oxalá. A estas horas, já devem andar uns poucos de maestros a fazer batuta.

Depois de tantas vezes aparecerem juntos, Félix Bermudes e João Bastos, suponho que pela primeira vez, aparecem agora, ao mesmo tempo, — mas separados.

Ainda não vi o *Timpanas*, de Félix Bermudes, no Politeama, nem *O noivo das Caldas*, de João Bastos, no Avenida.

Um casal moderno



— Quem era o homem que tomava chá contigo esta tarde?

— Oh filho! se vens com rompantes afiarei as unhas na tua cara...

Pelo que ouço, o *Timpanas* é mais um eco da *Severa*, que tem sido, nestes últimos tempos, uma verdadeira timpanite. Mas parece que a opereta é excelente, e é deliciosa a música do meu querido Frederico de Freitas. Não me custa a crer.

Entre Félix Bermudes e João Bastos deve ter-se travado há dias o seguinte diálogo:

— Olá, velho Félix...

— Viva, Joãozinho...

— Então êsse *Timpanas*?

— Rijo e fero! L o teu *Noivo*?

— A caminho das suas sete décimas-quin-tas...

— Não ameaça sair de cena?

— Qual! Só quando a Maria de Matos já fôr Maria de Matusalém! Porque? O *Timpanas* quere-se esgueirar pela coxia!

— Qual! E' lá capaz de coxiar! Era boleeiro. E' questão de meia bola e fôrça... A minha peça é melhor que a tua. Basta dizer que vai por música.

— Pois irá. Mas o *Noivo das Caldas* sempre é outra louça...

Nesta altura entrou o Lino Ferreira que vinha contar a última do Ascensão, — e parou a conversa. E foi isto o que o Lino Ferreira, provavelmente, contou:

— Houve no Pôrto uma sessão de protesto contra a projectada mudança do calendário Gregoriano; e o grande leader do protesto foi o Ascensão Barbosa.

— Ora essa? Porquê?!

— Porque se mudam o calendário, é muito provável que desapareça a quinta-feira de Ascensão...

E até mais ver, meu anjo.

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

Posta restante

Alvarcarso — Desde já aceite. No próximo número falaremos.

Dr. Crasto — Havemos de lhe dar um geito. Para a semana veremos.

Raspa-te — Aquilo não está muito claro. Era preciso, pelo menos o recorte do jornal.

Btsnau — A nossa gorducha faz um galantissimo requebro ante tanta gentileza. Boas lembranças, boas palavras, *bons linguodos*! Ai, que quando vier ao Pôrto, temos *casa e pucarinho*...

Cartoca Martinelli — As nossa parabensação. Océ é do grupo, sua néga! Suba mais vez ó nosso segundo anjá! Obrigado sua boazona! Aquilo vae na integra! Com boneco e tudo, pois comi é?!...

Mil Reis — Pode tratar assim, que é assim mesmo. Amigos e dos bons. Venha de lá o que quiser que o pojo da MARIA RITA só gosta de coisas boas.

Ó brincalhões dum povo!...

A MARIA RITA vai fazer um número de carnaval! Ouvis *ó brincalhões dum povo*!

E isto quer dizer que precisa cá dos vossos versos bem cheinhos e das vossas prosas bem recheiadas.

Um número de carnaval da MARIA RITA quer dizer muita coisa...

Um crime médico-cirúrgico

A propósito...

Caríssimos colegas:

Vós que estudais na Universidade do Pôrto e que sabeis muito podre da mestrança insigne, haveis lido por certo essa tremenda campanha de *O Século*, contra o trio de pavões da Faculdade de Medicina de Lisboa, — Gentil, Monjardino & Sacadura, desmascarado agora publicamente pelo libelo de João Pereira da Rosa. E se lestes, o vosso espírito lembrou certamente a *Faculdade de Medicina do Pôrto*, onde a guerra aos novos de valor está há muito declarada.

MARIA RITA não tem política, nem obedece a interesses inconfessáveis.

O *órgão do partido socialista* acha que MARIA RITA, escrita por escritores e jornalistas que prestaram há muito as suas provas, é simplesmente uma folheca sem graça nem sentido crítico. Acha isso sobretudo desde que nos metemos com êles...

No entanto, temo-nos sempre esforçado por dar um sentido crítico às nossas campanhas, não para deminuir pessoas, mas para focar ridículos.

A campanha de *O Século* merece uma grande atenção, porque traz a público não só a revelação do grande drama de Pereira da Rosa, mas, o que é mais importante, porque destroniza três deuses da Medicina, pondo em cheque não só a sua competência profissional como a integridade de carácter.

Nada sabemos de escandaloso ali dos Professores da Faculdade de Medicina, mas há umas vítimas aí pelo Pôrto, que poderão falar quando quiserem.

O caso dos assistentes, a guerra declarada a rapazes novos de alta enver-

gadura, previne-nos de que há ali dentro uns deuses cuja auréola de cêra o sol da verdade derreterá um dia.

E tudo isto é triste, afinal, porque nos previne também de que um rigoroso inquérito à vida nacional, desinteressado, leal, justo, honrado, trará à supuração muita calamidade e, quem sabe se não a chave de todos os males que nos afligem.

Repetimos: nada sabemos.

Nada, não; sabemos isto:

O ano passado houve o diabo por causa dos assistentes e nós vimos em cheque rapazes cheios de valor, porque os senhores catedráticos exigiam a apresentação de trabalhos científicos, êles, coitados, que em grande maioria nada produziram, lá na cátedra onde tem assente etéreo!

Estiveram muitos arriscados a serem pôstos fora, e a gente sabia esta coisa singular: os alunos da Faculdade diziam maravilhas dos assistentes, das suas lições, da sua probidade, do seu valor.

Um dia na Brasileira, quem escreve estas linhas ouviu a um quintanista de Medicina:

— Venho agora de assistir a uma lição de Fulano! Aquele *gajo* é formidável! Queria que você o ouvisse... Até o Mestre estava de bôca aberta a olhar para êle!

Do Mestre nunca ninguém se atreveu a dizer o mesmo, e o certo é que o Fulano esteve na rua por um triz.

De um cirurgião de valor, sabe-se que é culto e inteligente e ainda lhe sobeja cabedal para ser um escritor de mérito quando muito bem quizer:

Escândalo grosso não haverá.

Ah! mas há pavões detentores de monopólios, o que conduz à moralidade da campanha Pereira da Rosa.

Damião de Góis Júnior.

Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

XIV

O mosquito da febre amarela

(*Stygomyia fasciata*)

Lyneu

O mosquito da febre amarela, *percussor de Santos Dumont*, verdadeiramente é uma descoberta dos brasileiros, ou, antes, de alguns médicos para explorarem os brasileiros.

E' um rapaz alto, de pernas muito fininhas, e tem asas precisamente para aboar quando chegam as brigadas de mosquiteiros, que apparecem aos três cano no romance conhecido de Alexandre Dumas e Doutras — Os três mosquiteiros.

Dois tçoços das receitas sem ser médicas são absorvidas no Brasil por este pernalta.

No Rio de Janeiro, quando um médico municipal se vê um pouco atrapalhado, toca a lançar o boato — vient de paraitre a febre amarela.

O governo, ingénuo que passa a vida a acreditar tudo, abre um crédito de 30.000 contos e aí vêm para a rua três mosquiteiros do Dumas, um com uma escada, outro com um balde e piaçava e outro com uma seringa de flyt.

Com tanto flyt, não admira, pois, que o Brasil seja um país extremamente com... flytuoso.

O ataque ao microbio alado é de-veras enérgico, mas últimamente um oculista brasileiro, diplomado pelo Instituto Superior de Comércio, apurou que o mosquito tem a vista muito apurada, pelo que, mal enxerga ao longe a brigada, se põe a cavar no que faz muitíssimo bem, porque o futuro do Brasil está na agricultura.

Quando uma brigada consegue apanhar um mosquito, quasi sempre falecido de recente data, há um regozijo extraordinário na população do Brasil e o governo decreta feriado nacional.

Até hoje já foram apanhados 18 mosquitos e, segundo o parecer de um higienista illustre, devem-se completar 2 dúzias lá para o ano de 1945.

Oxalá, para bem da Medecina.

Zoopiro'técnico,

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Náufragos.



BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

Quem é?

Muito fresca,
Picaresca,
Sempre a rir!...
Vive entre a vida a florir
E a esguichar
Despertada noite e dia
C'os pó-pós da cerceania!...
Saúdinha deve ter,
P'lo que a gente pode ver.
Carnes duras, se calhar,
(Inda a não pude apalpar
Porque, enfim...
Está muita alta p'ra mim)
Para ela
Que é donzela
A mocidade sorri!...
Uma velha, porém, vi
Fazer figas ao passar
E, num arrote de azia,
Regougar:
"Se não fôsses cantaria
Muito galo cantaria!"

AMARAL.

Anexim

Está doente o Zé Barbosa
Cuja doença é terrível
Que sua mulher — a Rosa
Salvá-lo julga impossível

Visto que ela não descansa
Diz-lhe o vizinho do lado
Rosa — lá diz o ditado
.....?

Monteiro II.

Decifração do número anterior — *Quem é?*
Pérola Verde.

Matadores: Alvarcarso, Fantasma Negro,
Francisco José Rodrigues, Monteiro II, Dr. Castro,
Au-Rio.

Misericórdia!

Já não sou Narigudo! No concurso
Que hoje finda sem glória para mim,
Fiquei desnarigado! Pôs-me assim
Aquele glosa falsa no discurso!

Que eu fizesse por mim figura d'urso,
Era triste, confesso; mas enfim...
Mas tirar-me o nariz o catxotim,
Fatalmente foi praga posta em curso!

Protesto contra a praga! Não consinto
Que em meus fados o vulgo se intrometa,
Pondo mancha em talento tão distinto!

Imploro pois aos Deuses da gazeta
Coração mais hnu maao, meigo instinto,
Que me liberte a penca... do cometa!

NARIGUDO.

Pensamentos inéditos

— Admiraram-se de eu já não jantar
há muitos anos. Para que preciso eu de
jantar, se sou de *Cela*?!

Afonso Costa.

— Nesta pátria solitária,
A quem do exílio vem,
Se fala ninguém responde
E *s'olha* não vê ninguém!...

Cunha Leal.

— A nação não se endireita com
murros! Do que ela precisa é de
Maurras.

João Ameal.

— A "Alta roda"! A roldana, o
rodízio, o roda-pé, a roda do carro,
a roda pela porta fora, a roda de coiro,
uma roda de pontapés e a grande roda
da saia da Severa!...

Júlio Dantas.

— E êles continuam a não se en-
tenderem... Que digam agora que a
culpa é minha!

Brito Camacho.

— Ele não janta, mas queria vir
almoçar para debaixo da sombra da
ramada...

Ramada Curto.

— Sou contra a marca "Estrema-
dura" e com muita razão. Não quero
nada de extremas nem de duras, por
muito ditas que sejam.

Nuno Simões.

— Dizem os jornais que vou caçar
tigres para a África. E' verdade. Se eu
me não ponho a caçar, caçavam-me êles
a mim.

D. Afonso XIII.

— Já que não posso rachar cabeças,
continuo a rachar lenha.

Guilherme de Alemanha.

— Os senhores sabem-me dizer se
o rei de Itália ainda é vivo?

Mussolini.

— Racha, racha... Eu também quero
ver se racho a Alemanha ao meio. Me-
tade para mim e metade para os comu-
nistas.

Hitler.

— Bombas da direita, bombas da
esquerda, bombas do meio!... Irra!
Uma pessoa fica *azanhada* de todo!

Azaña.

— Um país si indireita férrando o
càlote a quem nos empréstou o árame.
Para o ano pagàremo os juro em
goiabáda e ábácaxi.

Getúlio Vargas.

— Quarenta horas de trabalho por
hora, é pura prepotência! Porque se não
há-de trabalhar uma hora por quarenta
semanas?!

Indalécio Prieto.

— Trabalhar nos outros países é um
ultrage feito à humanidade! Na minha
Rússia o caso muda de figura e deve
cumprir-se o dia de 24 horas de tra-
balho!... E ainda cresce tempo para
um passeio à Sibéria...

Staline.

— Já resolvi o problema do desem-
prêgo. Acabo com a lei sêca e coloco
os dez milhões de desempregados a
beberem *wisky e champanhe*.

Roosevelt.

— Se fôr preciso um monarca de
chapéu alto, eu sei onde está um...

Bernardino Machado.

— Quem deve tem de pagar, é a
minha divisa. Preferiram um Boncour
ao meu *bon cœur*, agora agüentem-se.

Herriot.

— Estou anistiado. Fico ou não fico?
Vou ou não vou? Fico? Vou? Vou?
Fico? O', rapaziada das esquerdas, vocês
que dizem?

José Domingues dos Santos.

Para
Pintar
aredes

Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-I.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10
dura 10
minutos
horas
anos



Para o mote

*Se não viu o Burrié
Agarre-se ao «Pirilau».*

recebemos as seguintes

GLOSAS:

Se não viu o «Burro em pé»,
«A Cova da Piedade»,
«O ladrão» ou a «Saídade»;
Se não viu o Burrié,
«O pretinho da Guiné»,
«Zé Povinho», «Pica-pau»,
«Gigajoga», o «Bicho mau»,
«O monstro», o «Conde Barão»,
Aproveite a ocasião:
Agarre-se ao Pirilau!
(Santo Tirso).

Adriano X Nel.

Vamos lá, primo José
Que pode vir aí gente
F' isto não é decente.
Se não viu o Burrié,
Agora, ponha-se a pé.
Não se queira fazer mau.
E deixe-me ir ao sarau.
Como não tem que fazer
Se quiser, p'ra se entreter,
Agarre-se ao Pirilau.

Juliter.

Verdade lá isso é,
Pró «Mexilhão» é um nlho,
Põe o ramo, bate o malho
Se não viu o Burrié.
No «Sá» me disse o José,
Aquele naco não é mau.
Feliz do grande marau
Que a leve — logo sente,
Alguma coisa na frente
Agarre-se ao Pirilau.

Horácio Ferreira.

A Beatriz Costa que é
Actris no Sá da Bandeira,
E' uma artista verdad'ira.
Se não viu o Burrié,
Foi pena, pois até,
Ela tocava berimbau
Que é gaita, não é pau,
Acompanha ao violão
Alguma vez deita a mão
Agarre-se ao Pirilau.

Reirobi.

Vá ali à Batalha a pé
E na Electrónia valente
Compre um Atwater Kent
Se não viu o Burrié...
E' melhor que o «zumba ó Zé»!
Acredite Estanslau...
Apanha-me já com um pau...
Se contesta a afirmação!...
Olhe!... Vá lambor sabão...
Agarre-se ao Pirilau!...

Orquídea Nabica.

Caro amigo Barnabé,
Não esteja assim casmurro,
Que pode ficar um burro!...
Se não viu o Burrié,
Vá ao teatro com o Zé,
Rapaz alegre e marau...
Pois ser triste, é muito mau!...
Deixe enfim de ser petiz;
Vá lá ver a Beatriz...
Agarre-se ao Pirilau!...

Orquídea.

O amor assim é que é
Querido com tanto ardor,
Pegue aqui se faz favor
Se não viu o Burrié.
Se viu, vergonha não é
Passar a mão no lacrau;
Não diga qu'isso que é mau
exemplo assim fazer,
Não me faça mais sofrer
Agarre-se ao...

Pirilau.

Deitado num canapé,
Fazia festa a um peru,
Quando me diz a Lulu:
Se não viu o Burrié,
Acompanhe a Marizé,
Ao teatro do Marau;
Mas se lhe derem com pau,
Não faça grande questão,
Vá p'ra casa, e com a mão...
Agarre-se ao Pirilau!...

Rei dos Nabos

Se não entrou no banzé
Se não entrou no concurso
Se não fez figura de urso
Se não viu o Burrié
Se não gostou do «Pilé»
Se não o añhou muito mau
Se não é muito marau
Se não sabe o que fazer
Se não quer tarde morrer
Agarre-se ao Pirilau.

D. de F.

Não viu nada do que é
Uma revista atestada,
Alegre e movimentada,
Se não viu o Burrié.
Pois a Beatriz até
Passa aquilo tudo a vau,
E prega cada «quinau»
Aos gajos com este mote,
— Beatriz não vai no bote,
Agarre-se ao Pirilau.

Delém de Freitas.

Homem seja ou chimpanzé
Faça aquilo que lhe digo,
E' um conselho de amigo;
Se não viu o Burrié
Da Beatriz, por quem é
Venha ao Sá, não seja mau,
E se depois, seu marau,
Da peça ficar gostando,
Volte a vê-la e vá voltando,
Agarre-se ao Pirilau!

Elmano Otreb'a.

Ainda pode dar salsifré
Se o que diz o afirmar
Mas como pode criticar
Se não viu o Burrié?
Se você diz amigo Zé
Que o da Beatriz é mau
E' se é o mais marau
Não perca nem um instante
E ao ver o Amaranite
Agarre-se ao Pirilau.

Amarantino.

Não chore pela «Água-pé»:
Bebeu, gosou... acabou!...
P'ra ehorar razão lhe dou
Se não viu o Burrié...
Mas tem remédio Você:
Pirilau é bicho mau?
Mete a unha c'mó lacrau?...
Não. E' a modo um mexilhão
Mexel... mexel... mexilão...
Agarre-se ao Pirilau!

Amaral.

Não perca tempo seu Zé
Vá já ao Sá da Bandeira,
Creio que não faz asneira
Se não viu o Burrié.
Aquilo ali é que é!
Lindas caras seu marau,
Se não puder ir de pau...
Feito com as vedetas,
Não se fie em mais tretas
Agarre-se ao Pirilau.

(Pôrto).

Ue-Jama.

Meu caro amigo Zé
Amigalhaço até à morte
Contente-se com a minha sorte
Se não viu o Burrié,
Mas não dê ao lamiré
Que até lhe fica mal
Não pense mais em tal,
Para outra vez será
E daqui até lá
Agarre-se ao Pirilau.

(Lisboa).

José R. Viana.

Outro dia num café.
Diz-me o amigo Amadeu:
Pois não sabe o que perdeu,
Se não viu o Burrié.
Pois sim; mas por minha fé,
(Diz do lado o Ladislau)
Não encontro nada mau,
Ver a revista do Bandeira;
Se quer rir a noite inteira,
Agarre-se ao «Pirilau».

(Gonçalo).

Zé Barão.

Não chore mais, por quem é,
Que me faz dores de cabeça,
A prima não se entristeça...
Se não viu o Burrié,
Paciência... finde o banzé.
Já que tem génio tão mau
Não vou consigo ao sarau,
Irei com quem eu quiser;
E a prima p'ra se entreter
Agarre-se ao Pirilau.

(Aceiro).

Olegna.

AQUILO QUE NÓS SABEMOS

É o concurso que vai seguir-se
na nossa «**RUA DAS MUSAS**»

Aquilo que nós sabemos consiste
apenas nisto:

A MARIA RITA inserirá em todos
os números o *último verso* duma *quadra*. Por exemplo:

.....
.....
.....
Tôda rota, tôda, tôda.

E o concorrente terá de nos enviar
uma quadra com este fecho até à
quarta-feira seguinte.

*Semanalmente será distribuido um
prémio de 50 escudos* à quadra que
mais se aproxime daquela de onde reti-
ramos o último verso.

Independentemente dêste prémio, po-
derá ser levado a efeito qualquer outro
concurso.

Por agora é tudo quanto podemos
dizer sobre *Aquilo que nós sabemos*.

V. Ex.^{as} poderão desde já enqua-
drar este fecho, se quiserem. Não há
prémio ainda, mas ir-se-ão habituando.

PEÇAS E



UMA ASSEMBLEIA... FURADA

Peça macabra, em que aparecem alguns carneiros

PERSONAGENS: Vários esqueletos de defuntos, mais ou menos ossificados

Num recanto de um cemitério. Ao subir o pano, ouve-se um silêncio sepulcral. Diversos personagens estão juntos em grupo, na tópo de cima do qual se destaca um, pela sua avantajada estatura: é o presidente. Este senta-se, no que é imitado pelos outros membros... da mesa — que, neste caso, devem ser os pés e as tábuas.

O PRESIDENTE, depois de pensar em chegar aos lábios um copo com água

Convoquei esta sessão
P'ra tratarmos muito a sério
Da nossa situação
Neste pobre cemitério
Mas vejo que a maioria
Ainda cá não chegou,
E há muito acabou o dia...

O 1.º SECRETÁRIO

Já meia noite com vagar soou...

O PRESIDENTE, lastimoso

Eu, que sou tão pontual
— Nem há outro como eu... —
Se espero, sinto-me mal!

(um carneiro abre os braços, isto é, abre as portas com grande estardalhaço)

O 2.º SECRETÁRIO

Funéria campa com fragor rangeu...

Do carneiro sai uma grande pázada de ossos, que até parece um saldo fim de estação: falanges, falanginhas, falanetas, tibias, fêmures, costelas e costeletas panadas, vertebbras, maxilares, occipitais e muitos outros mais. Ficam, porém, à brocha para se arrumarem. Depois, começam aos saltinhos, e vão-se pondo... uns por cima dos outros, até que conseguem afinar o pau de fileira. Correm todos, para a sala das sessões.

O PRESIDENTE, com má cara:

Suspendam essa corrida,
Que nos fazem perturbar!

UM VOGAL, consuante é costume dizer

Mas que soberba acolhida!...

OUTRO VOGAL, comentando

Não tem descanso quem aqui... baixar...

O PRESIDENTE, depois de todos se haverem aconchegado

Bem, então, vamos a isto:
Exponham suas razões,
Que eu de bom grado, as registo
E darei explicações.

1.º SÓCIO

Camarada presidente:
Estou muito arreliado
E de-veras descontente
Com tudo quanto é passado
Só nos dão terra a comer,
Impingida com latim...

(berrando muito)

Não se pode assim viver!

UM VOGAL

Os céus tristes... desacorda assim...

1.º SÓCIO, iracundo

Não nos dão água que preste;
A' noite não temos luz! ..

2.º SÓCIO

O vento geme no feral cipreste...

2.º SECRETÁRIO

O mocho pia na marmórea cruz. .

O PRESIDENTE, para o 1.º sócio

Não faça tanto berreiro!
Para gritar basto eu...

3.º SÓCIO, apontando

Olhem p'ra ali: o coveiro
Dentre os sepulcros a cabeça ergueu.

O PRESIDENTE, depois de ter olhado em tórno

Olhei em roda, mas não vi ninguém...

(para o 1.º sócio)

Porém, prudência aconselho,
Que, se algum coveiro vem
Meter aqui o bedelho...

1.º SECRETÁRIO, irónico

Temos que dar às canelas!...

1.º SÓCIO, sempre repontão

Eu, que amava com fervor
Petisqueiras... brezundelas...

3.º SÓCIO, piscando o olho ao vizinho

E que ainda adora, neste chão de horror...

1.º SÓCIO, esfoldado

Peço, senhor presidente,
Que chame à orde êste Cristo!

3.º SÓCIO

E você é um... pingente
D'alto lá com o charuto!

1.º SÓCIO, atirando-lhe com uma tibia à cabeça

Assim te pago as piadas!

3.º SÓCIO, caindo para o lado

Ai!... Minha rica caveira!

O PRESIDENTE, pensando em agitar a campanha

Ordem! Ordem! Camaradas!...

O COVEIRO, ao longe

Mas que grande chinfreineira!

Quando isto ouvem os esqueletos são tomados de pânico e deitam a fugir, desmanchando-se pelo caminho e atirando-se para dentro das campas que apanham a geito.

E o coveiro, muito rouco,
Acantar o ai-ló, ai-ló,
Encontrou, daí a pouco,
Dez iscaletos numa campa só.

O sol levanta-se e o pano abaixa-se... lentamente.

BISNAU.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Reposição da revista Mexilhão.

Carlos Alberto: A revista em 2 actos *Áreas de Portugal.*

Olimpia: O filme *Anny no Circo.*

Rivoli: O filme *O filho da América.*

Trindade: O filme de êxito *Onde está minha mulher?*

Batalha: O filme *Pamplinas Milionário.*



CARLOS SANTOS



COMO EU VI A ESPANHA

448 PAGINAS

27 GRAVURAS
EM HORS TEXTE

UM LIVRO DE GRANDE ACTUALIDADE



Pedidos à **EMPRESA CIVILIZAÇÃO, Limitada**

Rua do Almada, 107-2.º

P O R T O

À venda em tôdas as **LIVRARIAS**



Preço Brochado 12\$50
Encadernado 17\$50



INDICE DO LIVRO

COMO EU VI A ESPANHA

CAPITULO I

A Espanha comparada — A Arte em Espanha — A história em Espanha.

CAPITULO II

Geografia da Meseta Ibérica — Geografia dos vales ibéricos — A nossa visita.

CAPITULO III

A vida Espanhola — O povo Espanhol — As cidades Espanholas — A arquitectura e os architectos — Os museus — A escultura — A pintura — Tauromaquia — O Teatro Espanhol — A música.

CAPITULO IV

A exposição de Sevilha — A exposição de Barcelona — A agricultura Espanhola — As indústrias de Espanha — O Comércio Espanhol — Transportes.

CAPITULO V

Badajoz — Mérida.

CAPITULO VI

Sevilha através dos tempos — Sevilha através do espaço — Sevilha mundana e galante — Sevilha religiosa — O catolicismo pagão de Sevilha — Sevilha museu de Belas artes — O perfume, a côr e a música de Sevilha — A cidade palaciana.